

Felix Pacheco



A EMISSÃO DE PAPEL-MOEDA

1.810 35

1548

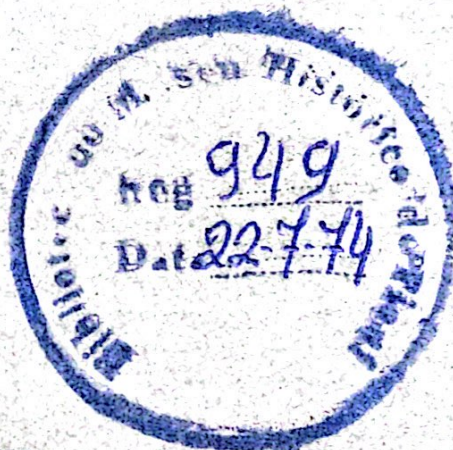
16e

1

FELIX PACHECO

## A EMISSÃO DE PAPEL-MOEDA

Razões de voto na  
Commissão de Fi-  
nanças da Camara  
dos Deputados



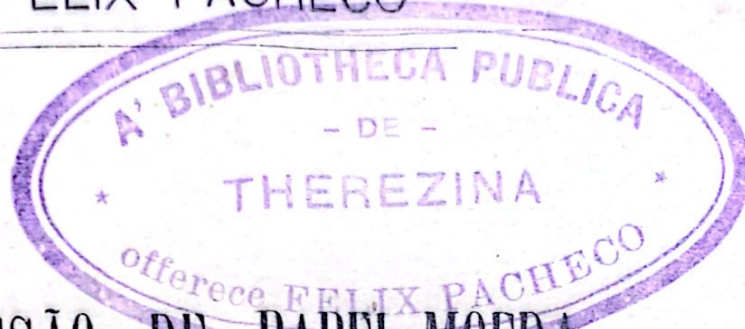
RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1914



FELIX PACHECO



# A EMISSÃO DE PAPEL-MOEDA

Razões de voto na  
Commissão de Fi-  
nanças da Camara  
dos Deputados



RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1914

De accôrdo com o illustre relator, Dr. Antonio Carlos, voto inteiramente contra o projecto de emissão do papel-moeda, vindo do Senado e submettido agora ao parecer da Commissão de Finanças da Camara.

Ha papel-moeda e papel-moeda. O proprio dinheiro depreciado tem gradações na sua utilidade apparente e ficticia.

O eminente Visconde de Mauá, escrevendo, em 78, sobre o meio circulante, advertia que o que tinha em mente era um papel-moeda emitido sob responsabilidade de nações respeitaveis, com a sua fazenda publica apoiada em elementos *economicos* e *financeiros* capazes de responder pelo valor legal porventura dado ao papel no acto de sua emissão.

Esses elementos economicos e financeiros, já algumas vezes os tivemos completos e bastantes no decurso de nossa vida commercial; mas, positivamente, agora não os temos, para assegurar o apoio de que fallava o grande industrial, tão favoravel ao papel-moeda, na sua phrase «o regulador da circulação de todos os valores, que representam a riqueza em nossa terras».

A nossa balança, desde alguns tempos, está effectivamente muito desequilibrada.

Nos annos em que o café e a borracha produziram mais em nosso paiz, as quantidades da exportação, em saccas e toneladas, accusaram, com pequenas differenças, o mesmo nivel de hoje. Mas dahi para cá, a partir de 1906, as despezas subiram, numa desproporção vertiginosa, de 423.000 contos papel a mais de seiscentos mil. Os recursos colossaes de que pudemos dispôr desde então e que desperdigámos como loucos, não os tirámos de nós mesmos: recebemol-os de fóra, a prazo, com o compromisso de juro, despezas novas formidaveis, accrescidas aos nossos gastos de megalomanos.

O serviço da divida, que nos absorvia naquelle anno, 17.750 contos, ouro, e 34.095, papel, exige em 1915 nada menos de 51.764 contos ouro e 36.309 papel.

O augmento de producção, nesse periodo, não chegou para restabelecer o justo equilibrio da balança commercial.

As perspectivas, ou antes as certezas da diminuição da renda, desenham-se cada vez mais fortes; e, entretanto, os nossos habitos perdularios, longe da necessaria corrigenda, aggravam-se.

Ninguem pensou ao sério em cortar no vivo, abolir o superfluo, oppôr-se ás demasias criminosas, reduzindo as entrosagens de luxo que por ahi superabundam. As suggestões feitas nesse alevantado sentido foram repellidas e postas de lado como pro-telatorias.

É é numa emergencia difficil e angustiosa como esta, que se quer emittir trezentos mil contos de papel-moeda, cem mil dos quaes para auxiliar a bancos, que deviam antes acompanhar a sorte de seus mãos negocios, que aliás não parecem ser tão mãos como se quer fazer crer (\*). E entre esses Bancos figura o do Brasil, que

(\*) Tem todo cabimento a transcripção aqui de uma carta que pessoa evidentemente autorizada escreveu ao *Jornal do Commercio*.

«Escrevem-nos: «Comquanto não sejam ainda conhecidos os termos do projecto que a Commissão Especial para esse fim designada pelas Commissões de Finanças da Camara e do Senado deverá apresentar sobre a emissão do papel-moeda, todavia parece estar assentado que no referido projecto seja incluída a emissão de uma consideravel quantia destinada a auxiliar os bancos nacionaes e estrangeiros.

Semelhante auxilio, offerecido aos Bancos em condições tão onerosas para a fortuna publica brasileira, será reclamado por necessidades reaes correspondentes a legitimos interesses dos Bancos!

Analysemos a questão á luz das estatísticas.

Segundo informações que nos foram prestadas na Repartição da Estatística Commercial, o dinheiro em caixa existente nos Bancos da praça do Rio de Janeiro era o seguinte, desde Janeiro a 31 de Julho do corrente anno, convindo notar que com referencia ao mez de Julho faltam na estatística — abaixo o encaixe dos Bancos — o Hespanhol do Rio da Prata e o da succursal do Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, cujos balancetes não foram ainda publicados, mas como nos foram mos-

nunca prestou contas dos vales ouro, de que tem o privilegio, e que pôde, apesar de tudo, distribuir dividendos aos accionistas, quando a nação se exhaure para supprir as deficiencias desse seu procurador e representante nas praças commerciaes internas. Embora dirigido hoje com a melhor orientação possível nesta triste quadra de anomalias pelo benemerito

tradas as estatisticas dos mezes anteriores applicamos para o estudo do mez de Julho a média obtida dos outros mezes.

*Contos de réis*

Janeiro .....	84.172
Fevereiro .....	86.052
Março .....	82.547
Abril .....	86.722
Maió .....	83.772
Junho .....	100.741
Julho .....	88.397

A analyse mensal acima demonstra que, se exceptuarmos o mez de Junho, cujo encaixe bancario foi o mais elevado, de réis 100.741 contos, foi exactamente o mez de Julho aquelle em que os Bancos fecharam as suas caixas com mais abundancia de numerario.

A conclusão a que se chega diante de taes Algarismos é que a situação dos Bancos *neste momento* (do dia 1 deste mez até hoje as transacções foram quasi nullas), se não apresenta sensiveis melhoras em relação aos mezes anteriores, não é comtudo de inspirar cuidado no tocante á falta de dinheiro em caixa.

Se não operam largamente em descontos, não é porque lhes falte dinheiro, mas, sim,

Conselheiro João Alfredo e pelos seus dignos companheiros de Directoria, esse Banco, que só estabeleceu agencias onde podia ir buscar dinheiro, deixando ao abandono todos os pequenos centros produtores, desamparados assim de qualquer aparelho de credito, não pôde viver a vida inteira como um parasita do Thesouro, se é que o Thesouro por sua vez já não se

devido a circumstancias excepçoes do momento, que exigem mais ponderada cautela.

Dar-lhes dinheiro nesta emergencia, e dinheiro depreciado resultante de uma emissão de papel-moeda feita nas condições em que vai ser esta que está sendo objecto das cogitações governamentais, affigura-se-nos uma rematada imprudencia, se não insensatez.

Os Bancos, de posse de tal dinheiro, sairiam pela força das circumstancias da sua linha de prudencia e, como não haviam de ficar com elle improductivamente em caixa, o applicariam em grande parte em transacções alleatorias, como sóe sempre acontecer com dinheiro subitamente projectado na circulação, aggravando dest'arte a carestia já existente e que tão asphixiante é á collectividade.

Já que as nossas loucuras financeiras, bruscamente aggravadas por acontecimentos extraordinarios no estrangeiro nos levaram á calamitosa situação de ainda emittirmos papel-moeda, idéa que a partir de 1898 parecia inteiramente afastada das nossas cogitações, recorramos então a esse flagello que tem sido a maior desgraça deste paiz, — mas façamol-o apenas na proporção necessaria para satisfazer as necessidades do Thesouro. Não aggravemos imprudentes as nossas desgraças!»





habituou a consideral-o uma simples succursal sua, com um vago rotulo de autonomia, que oxalá não tivesse existencia só no papel.

Nunca, em verdade, os mais acirrados papelistas pediram emissão desse genero senão para estimular a producção, facilitando, como dizia aquelle mesmo Mauá, «a transmissão de valores».

Gastar sem conta nem medida e desafoçar-se, depois, do pezadello das dividas, fabricando dinheiro sem garantias, para espalhar a mancheias, na inconsciencia de quem distribue uma simples promessa de pagamento aos provocadores e collaboradores da prodigalidade administrativa, pôde ser, não nego nem duvido, um remedio prompto, rapido, fulminante.

Mas o doente, que lograria talvez, com abstinencia honesta e rigorosa dieta, escapar por fim da molestia, não se livrará nunca da cura, ou pelo menos chorará mais tarde, duramente, as illusões desse allivio momentaneo.

E' innegavel que a situação universal se resente da grave conflagração que reina hoje na Europa. Mas, é absolutamente certo que esse incidente não foi causa originaria de nosso desespero; este já era um facto, em consequencia de nossos desatinos e imprevidencia; a guerra actual apenas tornou impossivel, no momento, a realização do grande emprestimo, que autorizámos com o objectivo de regularizar a nossa vida financeira.

O adiamento forçoso dessa importante operação — que talvez pudesse estar effectuada antes do inicio das hostilidades, do que teria resultado para nós, desde logo, um lucro enorme, pela simples mudança immediata da situação do mercado monetario, se não fôra o veso que temos de exacerbar os nossos melindres patrioticos quando pedimos emprestado e, gastando mal, voltamos a pedir de novo ao credor com recriminações e arrogancia — o adiamento forçoso dessa operação, dizia eu — não pôde importar no pensamento, final de supprimil-a pelo artificio desta emissão mal ideada, que sendo exageradissima para os compromissos internos em atrazo do The-souro propriamente dito, por fornecimentos, obras e honorarios, não attenderia entretanto, na melhor das hypotheses, senão a uma escassa parte das nossas outras necessidades e obrigações, multiplicadas dentro e fó-ra do paiz pela imprevidencia, pela licença, pelo abuso, com a cumplicidade criminosa de nós todos do Congresso, onde os protes-tos isolados nunca tiveram o éco de-vido.

Qualquer emissão, a que as circumstan-cias nos obrigassem, nesta hora tragica, devia por força ser feita com referencia á operação futura e em condições taes que a firmeza desse proposito não pudesse ser jámais illudida.

Se a nossa circulação escasseou, e ha quem duvide que ella fosse tão escassa como se pretende, pelo effeito e mecanismo do

**CASA "ANISIO BRITO"**  
**(Biblioteca Pública)**

apparelho illogico, que teimámos em instituir e que falhou justamente quando mais se precisava que ella correspondesse ao seu fim principal, o remedio não deve ser este de engrossar arbitrariamente o volume do numerario, a massa das notas, especificando garantias irrisorias, como essa dos 10 0/0 da renda das duas mais importantes Alfandegas da Republica, nas quaes a importação já decresce muito e decrescerá com certeza ainda.

Essas notas serão como simples vales, do genero daquelles que, por deficiencia de troco no interior, illegalmente circulam em algumas villotas do sertão, com o valor convencional, que se lhes marca, por consenso geral e tolerancia admittida entre os habitantes.

Nós confundiriamos assim, mais uma vez, como já dizia o grande Joaquim Murinho, «o bilhete de emissão conversivel, precioso instrumento de credito, com o bilhete inconversivel, instrumento de dictadura economica».

Se as condições apertadissimas do momento forçavam de facto esta emissão, pela qual tantos bradam como por uma solução salvadora, deveriamos restringil-a o mais possivel, limital-a strictamente ás necessidades menos adiaveis do Thesouro, mas só do Thesouro, e de tal sorte e com tal segurança, que cada nota representasse por assim dizer um saque contra o emprestimo a vir. Ainda assim, reduzida ao

mínimo a emissão, deveria ser lenta e nunca de um jacto, como se vai fazer, estando já talvez as cédulas milagrosas impressas, numeradas e assignadas, para gaudio geral dos interessados que, anciosos, desde o anno passado, esperam, confiantes, por esse farto e generoso jubileu...

Devia-se assegurar o resgate em ouro dessas notas ao cambio official, começar desde logo a amortização por meios sérios e consentaneos, pagar com ellas os juros de nossa divida externa, suspender a amortização dos empréstimos, aguardando então a realização do grande e definitivo, do qual uma parte viria finalmente resgatar essa nova emissão, assim lançada como uma antecipação d'elle ou como um saque contra elle.

Outras medidas lateraes, como uma taxa alta gravando a exportação do ouro, poderiam completar o plano.

Desde as sessões das commissões do Senado, o autorizado e competentissimo relator deste parecer vinha indicando esse character de antecipação ao grande empréstimo, como o unico meio viavel de legitimar um pouco a desastrada idéa.

E o notavel Sr. Carlos Peixoto, já na conferencia solemne do Cattete, pela repugnancia que lhe causava o projecto de suspensão da conversibilidade das notas da Caixa, suggerio o imposto de exportação sobre o ouro, como um recurso legal ex-

**CASA "ANISIO BRITO"**  
**(Biblioteca Pública)**  
**TERÉSINA**

tremo para impedir a saída da moeda metálica.

Confesso que esse imposto sobre a exportação do ouro, em principio, não me sorri. Compreendo um tributo dessa ordem como estadual, como um lucro sobre a produção, uma taxa sobre a riqueza natural que procura o estrangeiro. A União não cobra impostos de exportação, a não ser nos territorios que lhe pertencem.

Podia fazer-se e conviria uma lei federal não tolerando a saída do ouro em barra e consagrando a exigencia de amoldá-lo no paiz; mas reconheço que, como recurso extremo, é preferível o imposto, a essa suspensão do troco na Caixa.

Decretar a inconvertibilidade temporaria das notas é faltar á fé de um contrato bilateral insophismavel. Nós, quando instituímos a Caixa, pretendendo immobilizar aquillo que pela sua propria natureza é oscillação, variação, fluctuação, expoente de causas varias, que se alteram e se modificam, commetemos, além desse erro fundamental, varios outros de fórma e composição, esquecendo-nos sempre de attender á essencia das cousas e pretendendo governal-as a nosso talante. Não tiveram a coragem de quebrar de vez o padrão no typo vil; continuou-se com o papel inconvertivel, e as duas circulações se misturaram absurdamente. Elevando, a meu vêr artificialmente, um ponto no cambio, cahidos noutra erro grave e deixámos desde logo em aberto uma responsabilidade de mais de 19.000 contos, cifra

nova respeitavel a inscrever na relação de nossas dividas. E, quando veio o desequilibrio da balança, a moeda boa encareceu, as notas conversiveis retrahiram-se e o pânico ahi está. Não é impunemente que se attenta contra as leis naturaes, que regem essa ordem de assumptos, onde tudo ha de subordinar-se forçosamente ao principio maximo incontrastavel da offerta e da procura.

No precioso livro do antigo Ministro da Fazenda da Argentina, Dr. José Maria Rosa, *Conversion de la Moneda*, encontramos valiosos dados sobre a origem e formação da Caixa de Conversão na vizinha Republica.

Aqui, fizemos uma repartição burocratica, especie de aparelho morto e sem acção, um orgão dependente, o que quer dizer truncado. Lá, a administração é autonoma e está a cargo de uma directoria composta de cinco cidadãos e não de um só. A acção da Caixa, na Argentina, é independente e livre de toda influencia governamental, que não tem voz nem voto nas deliberações da directoria. Os seus administradores não dependem, não recebem ordens do Governo, ou de pessoa alguma, e respondem individualmente pela applicação dos valores, que lhes estão confiados, a outros fins que não os assignalados na lei.

E', como diz o mesmo Dr. José Maria Rosa, «a columna sobre que repousa todo o systema monetario».

Emquanto a nossa Caixa lida só com o papel conversível, a dos nossos vizinhos concentra a emissão, que adquire assim uma unidade de origem e de typo, centralizada na sua administração e protegida não sómente pelas especies metallicas depositadas, como tambem pela responsabilidade do paiz.

Entre nós é o que se vê e que eu me dispenso de commentar.

Não é de mais, entretanto, que, para discutir por analogia ou apreciar por juxtaposição, eu insira aqui uma oportuna e notabilissima carta, que o antigo Ministro da Fazenda, Dr. Juan José Romero, dirigio, em data de 6 do corrente mez, ao Presidente da Camara dos Deputados da Argentina. Como esse documento não está ainda divulgado no Brasil e é recentissimo, datando de pouco mais de uma semana, quero trazel-o ao conhecimento da douta Comissão. Eil-o na sua integra:

«Buenos Aires, Agosto 6 de 1914.

Señor doctor don Luis Ortiz Basualdo.

Mi estimado señor:

Un amigo de usted me manifestó que el último dia que funcionó la Caja de Conversión, usted habia dicho al público que se apresuraba á cambiar papel por oro, que no se atropellaran, que no perturbasen el orden y que para el dia próximo se habilitaria una ventanilla más para facilitar las operaciones de la caja. Cómo me alegro, le conteste, ver al doctor Basualdo en ese terreno. Demuestra que está bien en el puesto en que se encuentra. Anoche tuve ocasión

de oír á otra persona de su relación, que usted, en presencia de los rumores y proyectos que circulan para clausurar temporalmente la Caja de Conversión, habia manifestado su opinión decidida en contra de tales ideas y que entendia que la Caja de Conversión debia devolver al público hasta el último centavo oro á los que lo pidiesen en canje del papel que la misma habia emitido.

Si estos hechos son exactos, como tengo motivos para creerlo, reciba usted mis más sinceras felicitaciones.

Todo procedimiento tendiente á suspender ó modificar la ley monetaria en virtud de la cual se han depositado las sumas de oro que ese establecimiento guarda en sus arcas, será una violación de la fe pública, sin que pueda invocarse para contrarrestarla ningún grande y verdadero interés nacional.

La Caja de Conversión no es una casa de comercio, ni un banco. Ella no está llamada á hacer negocios ni adquirir utilidades. Es simplemente un depositario bajo la administración de personas honorables, á cuya custodia todo el que ha tenido una moneda de oro la ha confiado, recibiendo en cambio un billete de moneda legal, que en nuestros usos tiene una más facil y cómoda circulación en todas las transacciones de la vida, bajo la promesa de que su moneda de oro le será devuelta cualquier dia y en cualquier momento en que él se presente á



devolver el billete de curso legal que recibió. ¿Por que se violaría este contrato? ¿Qué sería la fe pública si él se violase al amparo mismo de las autoridades que están llamadas á velar por el orden social, cuando no puede invocarse, ni justificarse por una razón suprema de salvación nacional, cuando, lejos de eso, se va á producir una perturbación intensa en todo el país, y cuando se va á aumentar el malestar de la crisis por la que estamos pasando, y lo que es más, encareciendo el costo de la vida, afectando así la gran mayoría de la población y sobre todo, á las clases menesterosas, las más dignas de la solicitud de los poderes públicos?

Muchos años necesitó nuestro país para llegar á tener una moneda sana. Muchos esfuerzos intelectuales y mucha laboriosidad consagraron nuestros más distinguidos hombres públicos para llevar á cabo el propósito de tener una moneda fiduciaria con un valor fijo y estable. Los constantes trabajos de estos y la buena voluntad de todos, realizaron la anhelada situación monetaria que hemos alcanzado, comparable y igual á la mejor de cualquiera de las que poseen las naciones más adelantadas.

Y ¿es esto lo que se va á arrojar por la ventana como una cosa de poca monta? Nadie podrá negar que tan luego como se decreta oficialmente la clausura de la Caja de Conversión por poco ó mucho tiempo,

incontinenti la depreciación de la moneda legal se producirá. ¿Qué digo cuando se decreta oficialmente la clausura de la Caja de Conversión? Ya, al simple amago de tal hecho, la depreciación ha comenzado y también sus desastrosos efectos.

Es notorio y cualquiera puede por sí mismo verificar el hecho; la moneda de oro se cotiza ya con premio. Y en estos días que se han declarado muy justamente feriados para dar tiempo á los poderes públicos para adoptar medítadamente algunas medidas urgentes, ya se ha visto el valor de la moneda legal depreciada y producirse el alza de algunos de los artículos de consumo; ejemplo, el valor del más importante de todos: el pan.

Oigo decir que si no se cierran las puertas de la Caja de Conversión, las gentes se apresurarán á llevar la moneda fiduciaria y sacarán hasta la última moneda allí existente, y aún se designan algunos establecimientos que, abusivamente, han retirado sumas considerables. Esto último me parece una vulgaridad; perdóneseme la palabra. Si alguien ha retirado sumas importantes, no le ha podido llevar el propósito de causar un mal. Serán sus necesidades legítimas, sus buenos ó malos cálculos de hacer un negocio productivo ó el deseo de salvarse de una situación difícil. Pero de todos modos, habrá usado de un derecho y nadie puede por eso dirigirle un reproche, ni imputarle una responsabilidad.

PAGE "BRITIA BRITA"

Pero si eso se tolera, si no se toman medidas que lo impidan, se agotarán los depósitos de la Caja de Conversión, se argumenta por algunos. Ese hecho, por el momento no puede producirse; pero admito la suposición, como suposición únicamente. ¿Que sucederá entonces? ¿Que la moneda de curso legal se depreciará? Y bien; si con cerrar las puertas de la Caja de Conversin se produce el mismo mal desde ya, es más racional dejar que el hecho se produzca lo más tarde posible y conservar por lo menos la esperanza de que esa situación podrá evitarse y que por lo menos el mal no se ha producido por un acto inconsiderado de los poderes públicos, sino por la fuerza de las cosas ó como consecuencia de las calamidades publicas? Pero producir por acto propio el mal, por temor de que más adelante pueda producirse por si mismo ese mismo mal, declaro que es un procedimiento que no comprendo.

Decia que sólo por una suposicion admitia que por el momento pudieran retirarse todos los depósitos de la Caja de Conversión. Efectivamente, ese retiro, hoy por hoy, me parece imposible. No desconozco que es muy posible que, luego que se abran las puertas de la Caja de Conversión, muchos concurrirán á llevar sus billetes y retirar oro, á lo que no poco habrá contribuido esta situación de expectativa acompañada de rumores propalando la clausura de las operaciones de la Caja de Conversión.

Pero ese retiro de oro, aunque llegara á tener alguna importancia, tiene que ser limitado. Para sacar los depósitos existentes actualmente tendrían que llevarse á la conversión más de cuatrocientos millones de moneda de curso legal. Ahora bien, me parece difícil que una suma tan enorme pueda retirarse de la circulación, dados nuestros usos y costumbres en que todos los negocios ó la mayor parte de ellos y todos los consumos se tratan y pagan en moneda fiduciaria.

Y es bueno tener presente que, mientras quede una sola moneda en la Caja de Conversión, que no sea solicitada por el público, la estabilidad de nuestros billetes y el valor fijado por la ley se mantendrá incólume.

En la actualidad hay una consideración muy importante que aleja de las puertas de la Caja de Conversión á los que principalmente podrian tener necesidad de cantidades importantes de oro. Estos son los que necesitan saldar en el extranjero sus deudas y á quienes puede convenir remitir oro efectivo, pero esa remisión, hoy por hoy, es imposible porque no hay compañía de seguros que garantice las remesas contra todo riesgo, incluyendo el de guerra, y esta situación cuanto tiempo durará?

Nadie absolutamente podrá fijarle un término preciso, pero es indudable que por algunos meses la tranquilidad no se restablecerá y toda remesa de oro será impo-

sible de un costo tan elevado que muy pocas podran realizarse. Asi las necesidades de oro efectivo sarán muy reducidas.

Por otra parte, el tiempo de nuestras diversas cosechas se aproxima y su remesa á los mercados extranjeros será el verdadero oro con que pagaremos nuestras deudas; y si éstas desgraciadamente llegan á faltar, nada ni nadie podrá impedir que nuestro oro sea exportado para saldar nuestras deudas.

Lo sensato me parece evitar toda medida que pueda empeorar nuestra situación ó hacernos perder la estabilidad de nuestra moneda, pérdida que considero, en mi pobre entender, como una de las más funestas calamidades para nuestra población y para todos nuestros progresos.

Estoy muy lejos de pensar que los poderes públicos no deban hacer nada en las actuales circunstancias. Pienso que una moratoria bien meditada es, tal vez, una necesidad que nos imponen los tristes acontecimientos que se desarrollan en Europa; pero como estas medidas no son del resorte de usted, no quiero quitarle su tiempo; el que sin duda tendrá que consagrar á las delicadas funciones que estan confiadas á su intelligenza y honorabilidad, y asi termino esta larga carta reiterándole mis felicitaciones por sus loables propósitos. Su atento y S. S. — *J. J. Romero.*»

Estas notaveis ponderações do Dr. Juan José Romero ao Presidente Basualdo, coin-

cidem perfectamente com as seguintes phrases escriptas pelo Dr. José María Rosa, no seu livro acima citado:

«No se puede poner en discusión la necesidad de colocar á la Caja de Conversión en una situación de solidez insospechable. La moneda necesita garantias reales é infranqueables.

Nadie puede tocar esa institución sin cometer un verdadero atentado á los intereses más sagrados del país.

Es en ella que reposa y debe reposar nuestro sistema monetario y el gran edificio del crédito. Es la Caja de Conversión que garante la circulación, como garante las relaciones económicas. Todo lo que afecta á la Caja de Conversión afecta á todos, á los ricos como á los pobres, á las más grandes empresas de comercio y la industria, como á los más infimos negocios, á los salarios, á las rentas, á los consumos, á los presupuestos públicos, á la deuda nacional como á todas las deudas. Nada escapa.

La Caja de Conversión debe ser, pues, intangible y rodeada de profunda confianza. Es preciso que todos abriguen la más plena seguridad de que en todo tiempo y cualesquiera que fueran las circunstancias, esa máquina funcionará siempre, dando oro por papel, ó viceversa, á toda persona que lo solicite.

En tiempo de crisis ó de dificultades económicas ó financieras, la desaparición del

mercado del oro, se produce no solamente por las necesidades de los cambios internacionales, sino por la desconfianza, por el temor de que desaparezca ese oro, moneda universal y cuya posesión se anhela en esos momentos por todos los que, queriendo salvar sus intereses, se lo procuran y se desprenden de la moneda fiduciaria.

Estas alarmas que muchas veces producen ó agravan las crisis, se contendrían si todos tuvieran la seguridad de que la Caja de Conversión en todo tiempo estaría en situación de satisfacer los pedidos de oro por papel. Los bancos especialmente no convertirían á oro sus reservas y se limitarían á extraer el oro necesario para los cambios».

E' assim que se encara noutros melos a questão monetaria. Ditosos salvadores que conceberam o cerebrino remedio do «consortium» dos bancos, com a panacéa dos auxilios, mediante o compromisso da obediencia á taxa official, quando já hoje, no primeiro dia de serviço, depois do feriado, a tabella affixada é de 14, mas só para cobranças e nenhum elles saca!

Reconheço a inutilidade dessas ponderações, neste momento de aguda pressa, quando até já se lastima a demora, que não houve, na elaboração do parecer do nobre Relator. Confesso ainda mais a minha falta de autoridade para desenvolver essas idéas, aliás bastante singelas e claras para que possam ser comprehendidas e aceitas

por todos, mesmo numa época de vasta confusão mental e moral, agravada pelo desencontro das queixas e interesses e pelo fundo amortecimento cívico, quando os homens mais presumidamente oraculares abdicam de suas velhas bandeiras e capitulam sem resistencia diante dos mais audazes, passando-se com armas e bagagens, quero dizer, com as suas crenças e opiniões, para o campo diametralmente opposto áquelle em que sempre militaram com honra para seu nome e prestigio para suas funcções.

Não me pesa na consciencia o haver já-mais procurado de qualquer fórma, na Camara ou fóra della, difficultar, em nenhuma occasião, a acção do Governo. Mas eu preferiria que essa acção não fosse, como infelizmente está sendo, um retrocesso lamentavel aos erros e absurdos de que já nos iamos libertando um pouco, a volta ao caminho da perdição e ao cambio baixo, que desorganiza tudo e absorverá outra vez centenas de milhares de contos, quando tivermos de entrar com as differenças famosas, que foram durante largos annos o sorvedouro de nossos saldos.

A carestia da vida crescerá com o diluvio maligno dessas notas e ninguem sabe até que ponto descera a curva cambial. Um missivista justamente alarmado escreveu e fez publicar o seguinte a respeito dessa quêda:

«A que taxa de cambio nos levará a emissão de 300 mil contos, mesmo depois

**CASA "ANISIO BRITO"**  
**(Biblioteca Pública)**



de normalizados os negocios, agora profundamente perturbados em consequencia da guerra européa?

Calculos optimistas, nos quaes foram, na medida do possivel, levadas em conta certas influencias depressivas e outras em sentido opposto, como, por exemplo, a probabilidade de uma activa procura e alta de preço de alguns productos, de exportação, cessada a guerra, e tambem a benefica influencia exercida pela existencia de dez milhões esterlinos na Caixa de Conversão, o que é sem duvida um factor ponderavel no estudo da questão — levam a crer que a taxa do cambio será inferior a 12 pence.

Mesmo de 12 pence que seja, o seguinte exemplo pôde dar uma idéa do prejuizo que a economia nacional terá de soffrer, caso venha a tornar-se uma realidade a emissão de uma tão colossal quantia.

A nossa importação no primeiro semestre do corrente anno foi de £ 23.720.000 e por ella pagamos, em papel, 355.800 contos; se a importação do segundo semestre fôr igual á do primeiro, ella nos custará, em vez de 355.800 contos em papel, 474.400 contos, ou mais 118.600 contos, o que corresponde a 25 %!

Isto é, só com referencia ao semestre corrente, porque no que concerne aos annos futuros, a observação dos efeitos das passadas emissões, aliás feitas em condições muito mais favoraveis ao credito pu-

blico, e em quantias muito menores, tem demonstrado que a influencia depressiva das emissões, sobre o cambio, persiste por muitos annos, e neste caso a economia privada da nação irá ter nesses annos prejuizo equivalente a *centenas de milhares de contos...*»

Com os conceitos desta carta se harmonizam perfeitamente os doutos ensinamentos de Almeida Nogueira, cuja morte recente ainda choramos. Diz elle na sua preciosa *Economia Politica ou Sciencia do Valor*:

«Na verdade, a emissão de papel-moeda desvaloriza desde logo o numerario nacional. E assim, o proprio Estado, que arrecada na moeda corrente todas as suas rendas, depaupera-se recebendo moeda de menor valor. Isto se manifesta de modo sensivel na depressão cambial. Ha poucos annos ainda, a verba orçamentaria *differenças de cambio* onerava a fazenda publica em consignação superior a réis 100.000 :000\$000!»

Tem toda oportunidade a repetição deste outro trecho do saudoso professor e convém que meditem no caso os funcionarios em atrazo, cuja situação é a mesma dos fornecedores no desembolso de suas contas:

«São, outrosim, prejudicados todos aquelles que recebem pagamentos ou vencimentos de quantias fixas. Continuarão a receber *nominalmente* os mesmos salarios ou

remunerações; mas, de facto, soffrem, nesses pagamentos, diminuição correspondente á desvalorização da moeda.»

Para Almeida Nogueira, como para toda gente que se occupa desses assumptos, sem ligações pessoais com bancos ou empresas e sem interesses proprios em jogo, o papel moeda, podendo ser effeito de crise financeira, é tambem «causa da aggravação de crise preexistente». «O papel moeda, como temos visto, e dil-o em confirmação a historia financeira de todos os povos, é uma fonte permanente de calamitosas perturbações economicas.»

O autorizado professor paulista estabelece, no seu precioso trabalho, as *preliminares* de qualquer plano sério de retirada ou de extincção do papel-moeda.

Nenhuma dessas *preliminares* foi consagrada no projecto do Senado. Eram nonadas de que os deuses não precisavam cuidar... O tratadista extinto as enumera da seguinte sorte: a) restabelecimento da normalidade do equilibrio nos orgamentos da receita e despeza publicas; b) supressão de despezas extraordinarias, que não sejam rigorosamente inadiaveis; c) restrição nas verbas destinadas ás despezas ordinarias; d) criação de um fundo de conversão, destinando-se-lhe no orgamento da receita determinadas fontes de rendas; finalmente e) enquanto não se effectuar o resgate, não se fazerem novas emissões de titulos inconversiveis.

Reparai o meticuloso cuidado com que o Senado poz tudo isso de lado. Elle não se lembrou de nada do que devêra ser essencial e basico para apresentação do projecto. Mas, em compensação, sahio-se com o ineditismo das cauções de «effeitos commerciaes», prodigiosa invenção que honra sobremodo a quem a concebeu e engendrou, verdadeira maravilha legislativa, como aquella outra, vaga, impreciza e ironica, dos titulos da divida publica recebidos na base de 70 o|o de seu valor nominal!

Nenhuma dessas innovações pittorescas diminue, antes todas ellas e as restantes disposições de que não preciso fallar, como a da affectação de 10 o|o das rendas do Rio e Santos e outras futilidades — perdoem-me a expressão — aggravam o character dessa emissão de papel-moeda. E' o puro curso forçado como o definio P. Leroy-Beaulieu: «Généralement, le cours forcé a une toute autre cause que ces passagers embarras. L'Etat y recourt pour se procurer des ressources, d'ordinaire au moment où une guerre éclate», como agora que a guerra não estalou só na Europa, mas repercutio intensamente aqui e acabou de subverter as nossas finanças, offerecendo aliás á cubicada sahida para o fechamento de uma escripta cheia de complicações, pela abundancia das despezas não autorizadas legalmente, embora hajam de facto sido feitas, como nem de longe desejo contestar ou sequer duvido. «Le cours forcé

constitue dans ces circonstances un emprunt forcé fait à un prêteur indéterminé, sans qu'il soit stipulé d'intérêts au profit de ce créancier.»

É' o que vamos fazer pelo projecto do Senado: continuar naquillo que P. Leroy Beaulieu, referindo-se especialmente a nós, chamou com toda propriedade «un tissu d'erreurs».

Vale a pena recordar também este conceito do abalizado mestre francez a nosso respeito:

«Les financiers brésiliens s'imaginent à tort qu'en absence de cette faculté que rien ne supplée (refere-se á facultade de reclamar o pagamento immediato das notas em especies) on peut trouver une base à la circulation monetaire, soit dans une certaine proportion d'encaisse métallique, soit dans le depôt de titres de la dette publique, ou d'autres valeurs paraissant recommandables (Apolices).

Está-se verificando o que o grande economista previa sobre o Brasil: «Le Brésil jouit sans doute de grandes ressources dans des produits d'exportation pour lesquels il a eu jusqu'ici presque le monopole, le café, le caoutchouc; mais s'il ne surveille pas avec un soin jaloux sa circulation de papier monnaie, s'il ne réforme pas son régime de banques s'il ne ramène pas à un chiffre modique et stable par habitant la quotité du papier en circulation, il est à craindre qu'il ne tombe dans de croissants embarras.»

«Les États comme le Brésil doivent résister aux *inflationnistes*, qui sont toujours très nombreux. Un pays n'a pas besoin de beaucoup de monnaie, surtout de beaucoup de papier-monnaie, et quand le taux de l'escompte serait assez variable et assez élevé, cela serait un moindre mal que des fluctuations énormes de l'instrument des échanges et toutes les appréhensions et les refus de concours qu'elles suscitent.»

Já nós havíamos feito uma pausa na grande política financeira de Murinho e Campos Salles e agora regressamos para os tempos ominosos anteriores a elles. São essas mãos passos que inspiram áquelle mesmo economista francez phrases duras e injustas como esta :

«Rien n'égale l'infatuation, l'imprevoyance et, pour des certains pays du moins, la corruption des gouvernants. Dans l'Amérique du sud, une situation qui pour certains États a abouti à une suspension partielle et temporaire des intérêts des dettes publiques à un affaiblissement définitif de la monnaie, a eu pour causes non seulement le gaspillage et la dilapidation, mais une ignorance qui était incompréhensible et inexcusable à la fin du XIXème siècle.»

Perdoemos o azedume dessa annotação pela justiça que Leroy-Beaulieu presta aos grandes e benemeritos esforços do quatrienio Campos Salles. Elle considera essa época como «le témoignage le plus décisif en faveur des saines doctrines économiques sur

le change dans les pays à étalon monétaire avarié.» A continuar essa alevantada orientação, elle previa para nós o cambio ao par em 1915. «C'eut été l'exemple le plus saisissant de relèvement qu'ait encore vu le monde civilisé et il aurait été obtenu par les moyens les plus simples, le rêtrait de la monnaie intérieure surabondante, sans autres mesures gouvernementales.»

Todos sabem como a politica nefasta dos melhoramentos materiaes a todo transe, o abuso do credito, o surto inutil dos armamentos, a anarchia legislativa e administrativa generalizada, o crescimento colossal do funcionalismo, as experiencias temporãs do socialismo do Estado, a permanencia e aggravação do proteccionismo, a mania do fausto, a proliferação mirifica das aposentadorias e das reformas, a elevação despropositada dos vencimentos, estragaram por completo o esplendido vaticinio. A nossa situação actual é dolorosamente esta: a de remediados, que, por inadvertencias e erros sobre erros, viraram pobretões desesperados, e, á falta absoluta de recursos, se dispõem a falsificar dinheiro para poder viver...

E' triste, mas é verdade.

Na reunião havida no Palacio do Cattete, sorprendido com a honra immerecida que me deu o illustre Chefe do Estado, pedindo-me que dissesse o que pensava, fui franco e leal, declarando que urgia uma solução, por votação allí mesmo, entre os homens responsaveis, não sendo azado o momento para

dissertações theoricas ou desintelligencias doutrinarias, quando a vida economica e financeira universal estava em suspensão, por effeito da declaração da guerra entre as grandes potencias.

O exemplo desse conclave, em que só havia uma figura minima, a que subscreve o desengargo deste voto, mereceu de mim o qualificativo de novo e honroso para o regimen.

Não era a apreciação de um palaciano, que nunca fui: mas o reconhecimento de uma verdade, que devia proclamar, para accentuar a importancia daquella conferencia, em que os congressistas, sempre desprezados, e alguns delles até da opposição, eram chamados a collaborar numa medida de salvação publica com o Governo, que se submettia honestamente á decisão da maioria alli reunida.

Valeu isso as ironias do genio admiravel, que fixou a gloria da lingua no lavor da catilinaria. Sómente o seu ponto de vista não podia ser o meu. Aos seus fins politicos tudo serve, comtanto que não se lhe abata a fama illustre de «liberal de molde conservador, amigo do progresso e incredulo na efficacia das revoluções», psychologia curiosa, que já lhe accentuel com as suas proprias palavras, dizendo do papel de Evaristo da Veiga na revolução de 7 de Abril, no meu fraco e modesto livro de estréa. *O Publicista da Regencia*, escripto aos vinte annos de idade, mas de cujas passagens não me envergonho quando reflecto



nas analogias possíveis e aliás honrosíssimas de certos caracteres muito pacíficos, que só não preparam sublevações quando não podem...

Honro-me assim de haver concorrido em parte naquelle dia para a decretação do feriado nacional até 15 do corrente.

Mas não fui além e conservo-me ainda onde estava.

Eu sabia onde se ia chegar, onde se queria chegar, onde se havia de chegar...

Não assisti ás sessões das Comissões de Finanças reunidas no Senado. Instado a comparecer para desempatar a votação da idéa de emissão do papel-moeda, continuei ausente, para aguardar aqui o momento de dar aos meus pares o meu voto sem paixão, mas firme e convencido, contra o projecto, que nos despacharam a galope e contra o qual estou a ver que toda nossa resistencia será inutil...

Não haveria deveres partidarios, nem obrigações pessoaes que me levassem a abdicar de principios tão cardeaes e sobre que deve repousar a segurança de nossa reconstrucção economica e financeira.

Não pretendo convencer a ninguem, nem discutir o projecto ou protelar a sua marcha. Quero apenas consolar a mim mesmo, e isto me basta, como signal de protesto contra a calamidade que vai desabar sobre o paiz, por obra e graça da versatilidade de alguns homens illustres, mas desavisados, que não mediram bem o al-

cance de sua responsabilidade nessa lamentabilíssima mudança de opinião.

Desejaria, como muita gente, saber qual é a opinião do Presidente eleito sobre esse melindrosíssimo projecto, cujos efeitos não de repercutir por força dolorosamente na vida administrativa do quadriennio que va' começar. Nós não temos o direito de prescindir da audiência do illustre Dr. Wenceslão Braz, que dentro de um trimestre, a contar de ante-hontem, assumirá as redeas do Governo do Brasil.

E seria uma fortuna para o credito nacional, se S. Ex. sahisse um pouco de seu nobre retrahimento voluntario para dirigir um appello patriotico indistinctamente a todos os amigos que o elegeram e ao proprio Governo actual, que tão lealmente o tem apoiado, no sentido de repellirmos este projecto de emissão como veio redigido do Senado e assentarmos noutro qualquer substitutivo inspirado em melhores principios e maiores cautelas, como acontece com o que o eminente Relator apresenta e propõe.

Sala das Commissões, 17 de Agosto de 1914.